

## INQUIETAÇÕES SOBRE O ENSINAR-APRENDER NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NOTURNA

### RESUMO

Ao pensar a prática docente como um ato político engajado e transformador como esquecer que aquele que ensina (e aprende), que tem como ofício o ensinar, pode tantas e tantas vezes ter seu próprio futuro visto desertificando, ver a esterilização dos seus sonhos e, pior, nem se aperceber deste fenômeno e apenas fazer o que se está acostumado ou aquilo que até então sempre foi assim, ou seja, ver seu trabalho se tornando rotina. Este artigo quer trazer à tona a significação do educador e da escola, o saber e o aprender construído por educadores do ensino médio noturno enquanto agentes que tem a palavra. A cegueira que mesmo enxergando não vê até chegar ao despertar deste homem, desta mulher que até então eram apenas o professor de matemática, português ou estatística e passar a vê-lo, a vê-la como o José, a Glória, até o Benedito de Paulo Freire. Fazendo a analogia da obra *'A Águia e a Galinha: Uma metáfora da condição humana'* de Leonardo Boff e *'Ensaio sobre a Cegueira'* de José Saramago podemos ver a possibilidade de silenciamento, mas também a possibilidade de vislumbrar novos tempos nos espaços aos quais estamos inseridos. Através da tomada de consciência que a educação provoca será possível favorecer a homens e mulheres um horizonte mais liberto menos alienado e por isso mais humano.

Palavras chave: Educação - Significação sobre ensinar e aprender – Ensino noturno

## INQUIETAÇÕES SOBRE O ENSINAR-APRENDER NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NOTURNA

*"Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara."  
(Ensaio sobre a cegueira, José Saramago)*

Melissa Noal da Silveira\*  
Larissa Freitas\*\*  
Luciana Carrion Carvalho\*\*\*

\*Mestranda programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional Universidade Federal de Santa Maria – Professora Estadual – Membro do grupo de pesquisa Diálogos – Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire.

\*\*Mestre em Educação Universidade Federal de Santa Maria - Professora Estadual – Membro do grupo de pesquisa Diálogos – Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire.

\*\*\*Mestre em Educação Universidade Federal de Santa Maria - Professora Estadual – Membro do grupo de pesquisa Diálogos – Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire.

Este artigo faz parte do projeto de mestrado profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria e surge nas inquietações que nos provocavam/provocam no processo de ensinar e aprender na escola de educação básica, na perspectiva da escola noturna onde o desafio do ser/fazer escola pode perder significados para estes homens e mulheres que são os educandos, mas também perder significados para os educadores/gestores e educadoras/gestoras. Junto ao Grupo de Pesquisa DIALOGUS - Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire/CE/UFSM podemos entender, dialogar com a temática da educação liberta, da educação pelo diálogo, da educação onde se vê o outro como outro inteiro e as significações do ser educador.

Nessa ousadia que é “velar o sono destes adormecidos”, pedimos a companhia de Paulo Freire para que, através da *Pedagogia da Libertação*, *Pedagogia dos sonhos possíveis*, *Pedagogia da Indignação* e da *Pedagogia da autonomia* perfaça o barco que nos leva a novas leituras chegando a Rubem Alves em *Conversas com quem gosta de ensinar*, entendendo que fazendo parte de um todo que é a humanidade não podemos esquecer nossas essências, vemos isso através do texto de Leonardo Boff. Desacomodando, irritando causando o mal estar refletido em *Ensaio sobre a cegueira* em que José Saramago não nomeia quaisquer dos personagens apenas os denomina pelas suas funções sociais, desnudando aquilo que não se pode enxergar porque não podemos ou não queremos ver. Aí me vejo ao encontro de Mário Sérgio Cortella em *Qual é a tua obra? E Educação, vivência e ética: audácia e esperança*, pensando na ética, na educação no nosso ser no mundo. Com esses companheiros pedimos que nos dessem a mão não para nos guiar apenas, mas para que não nos sintamos esquecidas e continuemos com vontade de permanecer, não ficar no sono profundo da acomodação, do esquecimento, da nossa ação educadora podendo ver os pontos de vista, a vista de seus/nossos pontos.

A noite com suas peculiaridades do tempo e espaço provoca no corpo e na alma manifestações diversas e contrapõe o tempo espaço dia. Quando pensamos na educação como política e libertadora não se pode esquecer esta analogia de noite e dia esta percepção do claro escuro, do opressor do oprimido, do fazer do acomodar, manifestações puramente humanas. Neste contexto procuramos ver, acordar e fazer ver fazer acordar mesmo que a dormência das instituições, o sono profundo dos professores/gestores que atuam na escola de educação noturna que

muitas vezes se esquecem do papel fundamental que é o educar, e amortece as vivências de sala de aula. Essa metamorfose, como traz Rubem Alves, que transforma o professor em educador, acordá-lo uma vez que não é possível educar sem amor e coragem e, acordados poderão repetir o milagre da instauração de novos mundos isso também sendo o papel da gestão no contexto educativo.

Inseridas neste universo sempre sentimos que nós educadores/educadoras, gestores/gestoras devemos fazer o exercício de trazer a vista o nosso papel enquanto agente de transformação e não somente formação/informação.

Que dimensão libertadora pode existir em práticas que inibem a criatividade conduzem o educando as repetições “burocratizadas” dos discursos nem sempre brilhantes dos “mestres”? (FREIRE 200,1 p.64).

Nesta perspectiva ‘burocratizada’ onde o *ser mais* muitas vezes dá lugar aos processos meios e não a finalidade que é a busca de libertação através da tomada de consciência provocada pela educação. O sono, a cegueira, fazendo analogia ao espaço noite, onde o professor/gestor já não se reconhece educador, o gestor tomado pela burocratização do espaço escolar pode esquecer-se de seu papel fundamental que é ser agente de transformação. Sendo repetidores onde não são donos de suas palavras, não são donos de suas verdades políticas, portanto não são, muitas vezes, dono de si mesmos. Onde está a águia – educador/gestor se hoje estamos esquecidos, empoleirados no papel de galinha-professor-gestor perfazendo a metáfora abordada por Leonardo Boff em “*A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*’. Onde está a Maria? Onde está o Benedito? Se só vejo professor de física, matemática, a vice-diretora? Que noite é essa onde o sono profundo não deixa sonhar não personificar o que é científico e, portanto, HUMANO. Que cegueira é essa que vendo não somos capazes de enxergar. Nós estes educadores(as)/gestores(as), temos a alma de uma águia que sempre será a alma de uma águia, por mais que por vezes vivamos a realidade de cativo de idéias, ações e omissões. Sentir o calor do ressonar para poder não só entender, mas anunciar-denunciar o papel do professor/gestor do turno da noite que esquecido e invisibilizado se acomodou na dormência do hábito e do fazer ‘por que sempre foi assim’.

Na atividade docente, faz parte do fazer bem, fazer o bem. Fazer o bem significa elevar a vida coletiva, impedir a desertificação do futuro, não acatar a esterilização dos sonhos, isto é, fazer com que a vida possa ir no máximo das suas possibilidades (CORTELLA, 2015, p. 09).

Ao pensar a prática docente como um ato político engajado e transformador como esquecer que aquele que ensina e aprende que tem como ofício o ensinar pode tantas e tantas vezes ter seu próprio futuro visto desertificando, ver a esterilização dos seus sonhos e, pior, nem se aperceber deste fenômeno e apenas fazer o que se está acostumado ou aquilo que até então sempre foi assim.

Há uma fratura ética no nosso cotidiano que é a acomodação. Isto é, a percepção de que as coisas são como são.[ .. ]o que justifica essa posição acomodada? O Hábito. E o que é o hábito? É aquilo que, feito de maneira repetitiva, ganha função de norma. Em vez de ser uma possibilidade, se torna um imperativo. (CORTELLA, 2015, p.37).

Assim como ouvir as vozes silenciadas? Quando se percebe que o docente passa a repetidor e não tem sua voz falada e ouvida, mas sua voz gravada em um passado longínquo que até ele próprio já não se reconhece tanto na sonoridade/estética quanto na essência de suas palavras.

Eu vivi a experiência do discurso daqueles que ouvem e percebi que o trabalho educacional que deve seguir-se requeria tanto criatividade e humildade. É igualmente um tipo de trabalho que implica assumir riscos que aqueles e aquelas que foram silenciados podem assumir. Em outras palavras, nada disso faria sentido pedagógico se o (a) educador (a) não entende o poder do seu próprio discurso ao silenciar outros. (FREIRE, 2001, p.90).

Então quando Freire aborda esse poder em '*silenciar outros*' imaginemos fazer esse silenciamento sem nenhuma intenção? Sem nenhum embate político e engajado. Sim se é cruel quando o discurso persuade para idéias que transgridem o bem ao humano, também é cruel na omissão e no adormecer dos sonhos, das ânsias, das coisas próprias da alma humana.

Rubem Alves compartilha com Paulo Freire e salienta a questão do dizer a própria palavra.

Temo que estejamos formando milhares de bonecos que movem as bocas e falam com a voz de ventríloquos. Especialistas em dizer o que os outros já disseram, incapazes de dizer a sua própria palavra. (ALVES, 2000, p. 89).

E enfatiza Freire:

Onde o empenho de mudar em uma educação para a qual a busca do Ser Mais é subversão e a desumanização é a ordem que deve ser estabelecida? (FREIRE, 2001, p.65).

Se o pensar-ser-fazer a educação exige comprometimento o que se está fazendo na escola no período do anoitecer? É 'matéria' de aula o aprender a adormecer? É 'disciplina do currículo' espantar os sonhos? É uma 'palestra' em forma de canção de ninar? É 'bater' o sinal com precisão? Saber aquilo que fazemos como fazemos e quais implicações estas abordagens trarão ao universo educacional é o que fará a diferença na viabilidade de um mundo mais justo, diverso e humano

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca" (FREIRE, 2000, p. 73).

Em ensaio sobre a cegueira Saramago nos faz refletir sobre nós mesmos, "A cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança.". Através de uma cegueira física, ele ilustra a cegueira da nossa própria alma. Os nossos corações estão como aquelas cidades anárquicas e estamos nos transformando, cada vez mais rápido, em animais. Em *A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana* Leonardo Boff conta uma história sobre uma águia ferida ao cair do ninho que é encontrada por um agricultor, que cria galinhas e ao deparar-se com essa ave leva-a para seu sítio e depois dos cuidados fundamentais resolve criá-la como uma de suas galinhas, inserindo-a no galinheiro. Depois de um tempo um naturalista, ao visitar tal agricultor percebe que existe uma águia no galinheiro e faz o questionamento ao agricultor. Pois aquela era uma águia e não poderia ser criada como galinha, mas o agricultor defendia que agora ela se tornara galinha de fato, mas o naturalista insistia que a essência daquele ser era águia, assim que sempre seria uma águia. E a metáfora se desenrola em um lindo

emaranhado de conceito entre razão-emoção, realidade-sonho, a dualidade do ser humano e sua condição humana.

Nessa perspectiva, é nítido perceber a intenção das ações na educação brasileira onde todos são reduzidos à condição *galinha*, onde o educador/gestor com a tomada de consciência, a libertação do indivíduo como sujeito de sua realidade, como transformador da condição imposta poderia ser sim o agente de transformação da realidade. A busca da essência *águia* que existe em cada homem, em cada mulher, um novo horizonte e a denúncia de um sistema que cativa e não liberta que tem interesse em criar como galinhas aqueles que poderiam voar como águias. Afinal para quem vão atirar os milhos, quem vão esperar que cisquem as migalhas? A quem tudo isso favorece? Que o sonho, a poesia, aquilo que emerge da alma e dos sentimentos também favoreçam a educação porque aprendemos com nossos corpos cognoscentes. Aqui nestas angústias procuro as respostas nas palavras do grande educador Paulo Freire :

Quanto mais o povo dominado se mobiliza dentro de sua cultura – e está envolvido com o ato de conhecer. a fantasia, na verdade, antecipa o saber de amanhã. Eu não sei por que tanta gente faz pouco da fantasia no ato de conhecer. De qualquer maneira, todos esses atos constituem a cultura dominada que quer se libertar. (FREIRE., 2001, p.75).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas, SP, Editora Papirus, 2000.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha uma metáfora da condição humana**. 25<sup>o</sup> ed. São Paulo, SP, Editora vozes, 1996.

CORTELLA. Mário Sérgio. **Educação, convivência e ética; audácia e esperança**. São Paulo, SP, Editora Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. **Qual é a tua obra?** São Paulo, SP, Editora Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação. Cartas Pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, SP, Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo, SP, Editora UNESP, 2001

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

HENZ, Celso Hilgo. **“Círculos Dialógicos Investigativo-formativos”**: **Pesquisa-formação permanente de professores**. Bento Gonçalves, RS, VIII Seminário Nacional: Diálogos com Paulo Freire. Por uma Pedagogia dos Direitos Humanos, Anais, 2015.

SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 1995.